

Vida de fé, em áudio

"Ouve-se às vezes dizer que atualmente os milagres são menos frequentes. Não se dará antes o caso de serem menos as almas que vivem vida de fé?" - homilia Vida de fé, publicada em Amigos de Deus, e pronunciada por São Josemaria em 12 de outubro de 1947.

03/07/2018

Com base em diversos episódios dos Evangelhos – a cura de um cego de nascença, junto à piscina de Siloé, do cego Bartimeu, à saída de Jericó, da

mulher hemorroísa, a figueira que ficou seca por não dar fruto... -, São Josemaria quer avivar em nós “uma fé com obras, fé com sacrifício, fé com humildade”.

Homilia completa aqui

Ouve-se às vezes dizer que atualmente os milagres são menos frequentes. Não se dará antes o caso de serem menos as almas que vivem vida de fé? Deus não pode faltar à sua promessa: *Pede-me, e Eu te darei as nações por herança; teus domínios irão até os confins da terra.* O nosso Deus é a Verdade, o fundamento de tudo o que existe: nada se cumpre sem o seu querer onipotente.

Assim como era no princípio, agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. O Senhor não muda, não precisa de se mover para alcançar coisas que não possua. Ele é todo o movimento e toda a beleza e toda a grandeza. Hoje como outrora.

Passarão os céus como o fumo, e a terra envelhecerá como um vestido , mas a minha salvação durará para sempre e a minha justiça não terá fim.

Deus estabeleceu em Jesus Cristo uma nova e eterna aliança com os homens. Pôs a sua onipotência a serviço da nossa salvação. Quando as criaturas desconfiam, quando tremem por falta de fé, ouvimos novamente Isaías anunciar em nome do Senhor: *Porventura encurtou-se o meu braço para que não vos possa resgatar, ou não me restam forças para vos salvar? Eis que com uma ameaça seco o mar e converto os rios em deserto, de modo que os seus peixes apodrecem e morrem de sede por falta de água. Eu visto os céus de trevas e os cubro de luto.*

A fé é virtude sobrenatural que inclina a nossa inteligência a assentir às verdades reveladas, a responder “sim” a Cristo, Àquele que nos deu a

conhecer plenamente o desígnio salvífico da Trindade Beatíssima.

Deus, que outrora falou muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas, ultimamente, nestes dias, falou-nos por meio do seu Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem criou também os séculos; o qual, sendo o resplendor da sua glória e o vivo retrato da sua substância, e sustentando tudo com a sua poderosa palavra, depois de nos ter purificado dos nossos pecados, está sentado à direita da Majestade no mais alto dos céus.

Quereria que fosse Jesus quem nos falasse de fé, quem nos desse lições de fé. Por isso, abriremos o Novo Testamento e viveremos com Ele algumas passagens da sua vida.

Efetivamente, Cristo não se poupou a esforços para ensinar pouco a pouco os seus discípulos a entregar-se com confiança ao cumprimento da

Vontade do Pai. Vai doutrinando-os com palavras e com obras.

Consideremos o capítulo nono de São João: *E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram-lhe: Mestre, quem pecou, este ou os seus pais, para que nascesse cego?* Esses homens, apesar de estarem tão perto de Cristo, pensam mal daquele pobre cego. Para que não nos admiremos se, com o rodar da vida, ao servirmos a Igreja, encontramos discípulos do Senhor que se comportam assim conosco ou com os outros. Não nos preocupemos nem façamos caso, como aquele cego. Abandonemo-nos de verdade nas mãos de Cristo: Ele não ataca, perdoa; não condena, absolve; não observa a doença com frieza, mas aplica-lhe o remédio com divina diligência.

Nosso Senhor *cuspiu no chão, fez lodo com a saliva, aplicou-o aos olhos do*

cego e disse-lhe: Vai e lava-te na piscina de Siloé, que quer dizer Enviado. Foi ele, pois, lavou-se e voltou com vista.

Que exemplo de firmeza na fé nos dá este cego! Uma fé viva, operativa. É assim que te comportas com as indicações que Deus te faz, quando muitas vezes estás cego, quando a luz se oculta por entre as preocupações da tua alma? Que poder continha a água, para que os olhos ficassem curados ao serem umedecidos? Teria sido mais adequado um colírio misterioso, um medicamento precioso preparado no laboratório de um sábio alquimista. Mas aquele homem crê; põe em prática o que Deus lhe ordena, e volta com os olhos cheios de luz.

Foi útil - escreveu Santo Agostinho ao comentar esta passagem - que o Evangelista explicasse o sentido do nome da piscina, fazendo notar que

significava Enviado. Agora entendemos quem é este Enviado. Se o Senhor não nos tivesse sido enviado, nenhum de nós teria sido libertado do pecado. Temos de crer com fé firme nAquele que nos salva, neste Médico divino que foi enviado precisamente para nos curar. E crer com tanto mais força quanto mais grave ou desesperada for a doença que tivermos.

Temos de adquirir a medida divina das coisas, sem perder nunca o “ponto de mira” sobrenatural; sabendo, além disso, que Jesus se vale também das nossas misérias, para que resplandeça a sua glória. Por isso, sempre que sentimos serpentear pela nossa consciência o amor próprio, o cansaço, o desânimo, o peso das paixões, devemos reagir prontamente e ouvir o Mestre, sem nos assustarmos com a triste realidade que somos cada um de nós, porque, enquanto vivermos, sempre

nos hão de acompanhar as debilidades pessoais.

Este é o caminho do cristão. É necessário invocar o Senhor sem descanso, com uma fé enérgica e humilde: Senhor, não te fies de mim! Eu, sim, é que me fio de ti. E ao vislumbrarmos em nossa alma o amor, a compaixão, a ternura com que Cristo Jesus nos olha - porque Ele não nos abandona -, compreenderemos em toda a sua profundidade as palavras do Apóstolo: *Virtus in infirmitate perficitur*, a virtude fortifica-se na fraqueza; com fé no Senhor, apesar das nossas misérias - ou melhor, com as nossas misérias -, seremos fiéis ao nosso Pai-Deus, e o poder divino brilhará, sustentando-nos no meio da nossa fraqueza.

Desta vez, é São Marcos quem nos conta a cura de outro cego. *Ao sair Jesus de Jericó com os seus discípulos*

e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava sentado junto do caminho pedindo esmola.

Ouvindo aquele grande murmurúrio da gente, o cego perguntou: Que está acontecendo? Responderam-lhe: É Jesus de Nazaré. Então inflamou-se tanto a sua alma na fé de Cristo, que gritou: *Filho de Davi, tem compaixão de mim.*

Não te dá vontade de gritar, a ti, que também estás parado à beira do caminho, desse caminho da vida que é tão curta; a ti, a quem faltam luzes; a ti, que precisas de mais graças para te decidires a procurar a santidade?

Não sentes a urgência de clamar: *Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim?* Que maravilhosa jaculatória, para que a repitas com freqüência!

Aconselho-vos a refletir com vagar sobre as circunstâncias que antecedem o prodígio, a fim de que conserveis bem gravada na mente

uma idéia muito nítida: como são diferentes os nossos pobres corações do Coração misericordioso de Jesus! Isso há de servir-vos sempre de ajuda, de modo especial na hora da prova, da tentação, como também na hora da resposta generosa no meio dos pequenos afazeres e nas ocasiões heróicas.

E ameaçavam-no muitos para que se calasse. Tal como a ti, quando suspeitaste que Jesus passava a teu lado. Aceleraram-se as batidas do teu peito e começaste também a clamar, sacudido por uma íntima inquietação. E amigos, costumes, comodidade, ambiente, todos te aconselharam: Cala-te, não grites! Por que hás de chamar por Jesus? Não o incomodes!

Mas o pobre Bartimeu não fazia caso deles e continuava ainda com mais força: *Filho de Davi, tem compaixão de mim.* O Senhor, que o ouvira

desde o começo, deixou-o perseverar na sua oração. Tal como a ti. Jesus apercebe-se do primeiro apelo da nossa alma, mas espera. Quer que nos convençamos de que precisamos dEle; quer que supliquemos, que sejamos teimosos, como aquele cego que estava à beira do caminho, à saída de Jericó. *Imitemo-lo. Ainda que Deus não nos conceda imediatamente o que lhe pedimos, ainda que muitos procurem afastar-nos da oração, não cessemos de implorar.*

Jesus deteve-se e mandou chamá-lo. E alguns dos melhores que o rodeiam, dirigem-se ao cego: *Ânimo! Ele te chama.* É a vocação cristã! Mas a chamada de Deus não é uma só. Consideremos, além disso, que o Senhor nos procura a cada instante: Levanta-te - diz-nos - e sai da tua poltronaria, do teu comodismo, dos teus pequenos egoísmos, dos teus probleminhas sem importância. Desprega-te da terra, tu que estás aí

rasteiro, achatado e informe. Ganha altura, e peso, e volume, e perspectiva sobrenatural.

Aquele homem, *lançando fora a capa, levantou-se de um salto e foi ter com Jesus*. Arremessou a capa! Não sei se alguma vez estiveste na guerra. Há já muitos anos, tive ocasião de pisar um campo de batalha, algumas horas depois de ter acabado a refrega. E lá havia, abandonados pelo chão, mantas, cantis e mochilas cheias de recordações de família: cartas, fotografias de pessoas queridas... E não eram dos derrotados; eram dos vitoriosos! Tudo aquilo lhes sobrava, para correrem mais depressa e saltarem o parapeito inimigo. Tal como no caso de Bartimeu, para correr atrás de Cristo.

Não te esqueças de que, para chegar até Cristo, é preciso sacrifício, jogar fora tudo o que estorva: manta, mochila, cantil. Tu tens de proceder

da mesma maneira nesta luta pela glória de Deus, nesta luta de amor e de paz com que procuramos difundir o reinado de Cristo. Para servir a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, deves estar disposto a renunciar a tudo o que sobra; a ficar sem essa manta, que é abrigo para as noites cruas, sem essas recordações amadas da família, sem o refrigerio da água. Lição de fé, lição de amor. Porque é assim que se tem de amar a Cristo.

E imediatamente começa um diálogo divino, um diálogo maravilhoso, que comove, que abrasa, porque tu e eu somos agora Bartimeu. Da boca divina de Cristo sai uma pergunta: *Quid tibi vis faciam?* Que queres que te conceda? E o cego: *Mestre, que eu veja.* Que coisa tão lógica! E tu, vês? Não te aconteceu já, em alguma ocasião, o mesmo que a esse cego de Jericó?

Não posso deixar de recordar agora que, ao meditar nesta passagem, há já muitos anos, e ao compreender que Jesus esperava de mim alguma coisa - algo que eu não sabia o que era! -, fiz as minhas jaculatórias. Senhor, que queres? Que me pedes? Pressentia que me buscava para algo de novo, e aquele *Rabboni, ut videam* - Mestre, que eu veja - levou-me a suplicar a Cristo, numa oração contínua: Senhor, que se cumpra isso que Tu queres.

Rezai comigo ao Senhor: *Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu,* ensina-me a cumprir a tua Vontade, porque Tu és o meu Deus. Numa palavra: que brote dos nossos lábios o anseio sincero de corresponder com um desejo eficaz aos convites do nosso Criador, procurando seguir os seus desígnios com uma fé inquebrantável, persuadidos de que Ele não pode falhar.

Amando deste modo a Vontade divina, perceberemos que o valor da fé não reside apenas na clareza com que a expomos, mas também no ânimo resoluto com que a defendemos com obras. E assim saberemos ser conseqüentes na nossa atuação.

Mas voltemos à cena que se desenrola à saída de Jericó. Agora é contigo que Cristo fala. Ele te diz: Que queres de Mim? Que eu veja, Senhor, que eu veja! E Jesus: *Vai, a tua fé te salvou. Nesse mesmo instante, começou a ver e seguia-o pelo caminho.* Segui-lo pelo caminho. Tu tiveste notícia daquilo que o Senhor te propunha e decidiste acompanhá-lo pelo caminho. Tu procuras pisar onde Ele pisou, vestir-te com as vestes de Cristo, ser o próprio Cristo. Pois então a tua fé - fé nessa luz que o Senhor te vai dando - deverá ser operativa e sacrificada. Não te iludas, não pense em

descobrir formas novas. É assim a fé que Ele nos reclama: temos de andar ao seu ritmo, com obras cheias de generosidade, arrancando e soltando tudo o que é estorvo.

Agora é São Mateus quem nos relata uma situação comovente. *Eis que uma mulher, que havia doze anos padecia de um fluxo de sangue, se chegou por detrás dEle e tocou a fímbria do seu manto.* Que humildade a desta mulher! *Dizia dentro de si: Ainda que eu toque somente o seu manto, ficarei curada.*

Nunca faltam doentes que imploram como Bartimeu, com uma fé grande, e que não têm pejo em confessá-la aos gritos. Mas reparemos como no caminho de Cristo não há duas almas iguais. Grande também é a fé desta mulher; e, no entanto, não grita: aproxima-se sem que ninguém a note. Basta-lhe tocar de leve o manto de Jesus, porque tem a certeza de que

será curada. E ainda mal tinha acabado de fazê-lo, quando Nosso Senhor se volta e a olha. Já sabe o que se passa no interior daquele coração; apercebeu-se da sua firme convicção: *Tem confiança, filha, a tua fé te salvou.*

Tocou com delicadeza a orla do manto, aproximou-se com fé, acreditou e soube que tinha sido curada. Assim também nós, se quisermos ser salvos, devemos tocar com fé o manto de Cristo. Estás bem persuadido de como há de ser a nossa fé? Humilde. Quem és tu, quem sou eu, para merecermos este chamado de Cristo? Quem somos nós para estarmos tão perto dEle? Tal como àquela pobre mulher no meio da multidão, o Senhor ofereceu-nos uma oportunidade. E não só para tocar uma ponta da sua túnica, ou, num breve momento, o extremo do seu manto, a orla. Temo-lo inteiro. Entrega-se totalmente a cada um de

nós, com o seu Corpo, com o seu Sangue, com a sua Alma, com a sua Divindade. Comemo-lo todos os dias, falamos intimamente com Ele, como se fala com o pai, como se fala com o Amor. E isto é verdade. Não são imaginações.

Procuremos que aumente a nossa humildade. Porque só uma fé humilde permite olhar as coisas com perspectiva sobrenatural. Não existe outra alternativa. Só são possíveis dois modos de viver na terra: ou se vive vida sobrenatural, ou vida animal. E tu e eu não podemos viver senão a vida de Deus, a vida sobrenatural. *Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?* Que aproveita ao homem tudo o que povoa a terra, todas as ambições da inteligência e da vontade? Que vale tudo isso, se tudo acaba, se tudo se afunda, se são bambolinas de teatro todas as riquezas deste mundo

terreno, se depois é a eternidade para sempre, para sempre, para sempre?

Este advérbio - sempre - tornou grande Teresa de Jesus. Quando ela - uma criança ainda - saía pela porta que dá para o rio Adaja, atravessando as muralhas da cidade acompanhada pelo seu irmão Rodrigo, com a intenção de irem a terra de mouros para lá serem decapitados por amor de Cristo, ia sussurrando ao irmão que dava mostras de cansaço: Para sempre, para sempre, para sempre.

Mentem os homens, quando dizem “para sempre” em coisas temporais. Só é verdade, com uma verdade total, o “para sempre” referido a Deus. E assim deves tu viver, com uma fé que te ajude a sentir sabores de mel, doçuras de céu, ao pensares na eternidade, que é, de verdade, para sempre.

Voltemos ao Santo Evangelho, e detenhamo-nos no episódio que São Mateus nos relata no capítulo vinte e um. Conta-nos que Jesus, *quando regressava à cidade, teve fome e, vendo uma figueira junto do caminho, aproximou-se dela.* Que alegria, Senhor, ver-te com fome, ver-te também sedento, junto ao poço de Sicar! Contemplo-te *perfectus Deus, perfectus homo*: verdadeiro Deus, mas também verdadeiro homem, com carne como a minha. *Aniquilouse a si mesmo, tomando a forma de servo*, para que eu nunca mais duvidasse de que Ele me comprehende, de que me ama.

Teve fome. Sempre que nos cansemos - no trabalho, no estudo, na tarefa apostólica -, sempre que haja cerração no horizonte, então, os olhos em Cristo: em Jesus bom, em Jesus cansado, em Jesus faminto e sedento. Como te fazes compreender, Senhor! Como te fazes amar! Tu te

mostras como nós, em tudo menos no pecado, para que saibamos palpavelmente que contigo podemos vencer as nossas más inclinações, as nossas culpas. Que importância têm o cansaço, a fome, a sede, as lágrimas!... Cristo cansou-se, passou fome, teve sede, chorou. O que importa é a luta - uma luta amável, porque o Senhor permanece sempre ao nosso lado - para cumprir a vontade do Pai que está nos céus.

Aproxima-se da figueira: aproxima-se de ti e aproxima-se de mim. Jesus, com fome e com sede de almas. Do alto da Cruz clamou: *Sitio!*, tenho sede. Sede de nós, do nosso amor, das nossas almas e de todas as almas que lhe devemos levar, pelo caminho da Cruz, que é o caminho da imortalidade e da glória do Céu.

Abeirou-se da figueira, mas *não encontrou nela senão folhas*. É lamentável. Mas não acontecerá o

mesmo na nossa vida? Não acontecerá, tristemente, que falta fé, falta vibração de humildade, e não aparecem os sacrifícios nem as obras? Não será que só está de pé a fachada cristã, mas falta o proveito? É terrível, porque Jesus ordena: *Nunca mais nasça fruto de ti. E imediatamente a figueira secou.* Dói-nos esta passagem da Escritura Santa, mas, ao mesmo tempo, anima-nos a reacender a fé, a viver segundo a fé, para que Cristo receba sempre lucro da nossa parte.

Não nos enganemos. Nosso Senhor não depende nunca das nossas construções humanas. Para Ele, os projetos mais ambiciosos não passam de brincadeiras de crianças. Ele quer almas, quer amor. Quer que todos corram a usufruir do seu Reino, por toda a eternidade. Temos que trabalhar muito na terra, e temos que trabalhar bem, porque essas ocupações habituais são a matéria

que devemos santificar. Mas nunca nos esqueçamos de as realizar por Deus. Se as fizéssemos por nós mesmos, isto é, por orgulho, só produziríamos folharada; e nem Deus nem os homens conseguiram saborear um pouco de doçura em árvore tão frondosa.

Então, ao olharem para a figueira seca, os *discípulos* maravilharam-se dizendo: *Como é que a figueira secou num instante?* Aqueles primeiros Doze, que haviam presenciado tantos milagres de Cristo, pasmam-se uma vez mais, porque tinham uma fé que ainda não queimava. Por isso o Senhor assegura: *Na verdade vos digo: se tiverdes fé e não andardes hesitando, não somente fareis o que sucedeu a esta figueira, mas ainda, se disserdes a esse monte: Sai daí e lança-te ao mar, assim se fará.* Jesus Cristo estabelece esta condição: que vivamos da fé, porque depois seremos capazes de remover

montanhas. E há tantas coisas a remover... no mundo e, primeiro, no nosso coração! Tantos obstáculos à graça! Portanto, fé! Fé com obras, fé com sacrifício, fé com humildade, porque a fé nos converte em criaturas onipotentes: *E tudo o que na oração pedirdes com fé, alcançá-lo-eis.*

O homem de fé sabe avaliar bem as questões terrenas, sabe que isto daqui de baixo é, no dizer de Santa Teresa, uma noite ruim numa ruim pousada. Renova a tua convicção de que a nossa existência na terra é tempo de trabalho e de luta, tempo de purificação para saldarmos a dívida para com a justiça divina, pelos nossos pecados. Toma consciência também de que os bens temporais são meios, e usa-os generosamente, heroicamente.

A fé não é só para pregar, mas especialmente para praticar. Talvez

nos faltem as forças com freqüência. Nesses momentos - e de novo nos valemos do Santo Evangelho -, comportemo-nos como o pai daquele rapaz que estava possesso. Desejava a salvação do filho, esperava que Cristo o curasse, mas não acaba de acreditar que seja possível tamanha felicidade. E Jesus, que sempre pede fé, conhecendo as perplexidades daquela alma, antecipa-se: *Se podes crer, tudo é possível ao que crê.* Tudo é possível: onipotentes! Mas com fé. Aquele homem sente que a sua fé vacila, teme que essa escassez de confiança impeça que o seu filho recupere a saúde. E chora. Oxalá não nos envergonhemos desse pranto: é fruto do amor de Deus, da oração contrita, da humildade. *E o pai do rapaz, banhado em lágrimas, exclamou: Eu creio, Senhor, mas ajuda a minha incredulidade.*

Dizemos agora ao Senhor o mesmo, com as mesmas palavras, ao

acabarmos este tempo de meditação: Senhor, eu creio! Eduquei-me na tua fé, decidi seguir-te de perto. Ao longo da minha vida, implorei repetidamente a tua misericórdia. E, repetidas vezes também, pareceu-me impossível que Tu pudesses fazer tantas maravilhas no coração dos teus filhos. Senhor, eu creio! Mas ajuda-me, para que creia mais e melhor!

E dirigimos igualmente esta súplica a Santa Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa, Mestra de fé: *Bem-aventurada tu que creste, porque se cumprirão as coisas que te foram ditas da parte do Senhor.*
